

# “RAPAZIADA CINECLUBE”: JUVENTUDE, CATOLICISMO E CINECLUBISMO EM TERESINA, PIAUÍ, BRASIL (1962-1984)<sup>1</sup>

João Vitor de Carvalho Melo<sup>2</sup>

Fábio Leonardo Castelo Branco Brito<sup>3</sup>

## 1. INTRODUÇÃO

Entre os anos 1930 e 1950, duas encíclicas papais estabeleceram novas bases para as relações entre a Igreja Católica e diferentes setores da sociedade, especificamente ligadas aos veículos comunicacionais que emergiam e se popularizavam, dispositivos pelos quais aquela instituição religiosa compreendia poder formatar instrumentos de propagação da fé e dos valores cristãos. A partir dessas duas orientações eclesiais se constituiria, por meio da Organização Católica Internacional de Cinema (OCIC), um conjunto de missões no sentido de fomentar, em diferentes espaços do mundo, a criação de cineclubes, onde se procederia a exibição e discussão de filmes capazes de fundamentar os valores que o catolicismo desejava consolidar. Teresina, capital do estado do Piauí, também seria espaço no qual o cineclubismo se estabeleceria, através da iniciativa dos padres italianos que administravam o Colégio São Francisco de Sales, notadamente o Padre Moisés Fumagalli. No Cine Clube Teresinense configurar-se-iam um conjunto de práticas cinematográficas, norteadas pelas orientações pontifícias e pela subjetividade dos sócios da entidade.

---

<sup>1</sup> Texto aprovado para apresentação no XVIII Simpósio Nacional da ABHR – Concrer 2022, no Simpósio Temático 11 – As múltiplas faces da relação entre Comunicação, Religiões e Identidades Culturais, que ocorreu no dia 17 de novembro de 2022. Baseado no projeto de pesquisa intitulado “Rapaziada Cineclube”: Juventude, Catolicismo E Cineclubismo Em Teresina (1962-1984), realizado com apoio de bolsa de iniciação científica concedida pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), vinculada à Universidade Federal do Piauí (UFPI), Campus Universitário Ministro Petrônio Portella.

<sup>2</sup> Graduando em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Piauí. E-mail: [jvitorcarmelo@ufpi.edu.br](mailto:jvitorcarmelo@ufpi.edu.br)

<sup>3</sup> Doutor em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: [fabioleobrito@hotmail.com](mailto:fabioleobrito@hotmail.com)

Desse modo, o trabalho se dedicaria a uma investigação das experiências de uma parcela da juventude teresinense que circundava, entre a década de 1960 e os anos 1980, em torno do Cine Clube Teresinense. Para sua construção, a pesquisa norteou-se pelo resgate da trajetória do Cine Clube Teresinense elaborado por Silva (2018) e Rocha (2011), por entrevistas realizadas com membros egressos do CCT, além do estudo das colunas e dos artigos escritos pelos membros do clube de cinema no O Dia, obtidos através de pesquisa no arquivo do referido jornal.

## 2. HISTÓRIA DO CINE CLUBE TERESINENSE

Historicamente, as fundações do Cine Clube Teresinense remetem à própria instalação de uma administração jesuíta no Colégio São Francisco de Sales. A instituição, fundada em 1906 como Colégio e Seminário Diocesano, funcionou sob administração bispal por mais de cinquenta anos, sendo transferida por decreto arquiocesano, em 1960, aos cuidados da ordem religiosa da Companhia de Jesus de Salvador. A Arquidiocese de Teresina buscava, ao conceder a direção do Colégio Diocesano a uma ordem religiosa com tradição multissecular no âmbito pedagógico representava, para além de uma efetiva mudança no incremento educacional do alunato, uma tentativa de aproximar a juventude da fé e da doutrina católica, concedendo ao ensino cristão um pretenso caráter de universalidade e de naturalidade social.

Imbuídos desse espírito missionário, a comissão dos jesuítas formada pelos religiosos Carlo Bresciani, Moisés Fumagalli, Luciano Ciman e Luis Óboe (SILVA, 2018, p. 47) empreende uma série de reformas na estrutura do colégio que iam desde a priorização da participação dos pais no processo de formação dos educandos, passando por investimentos técnicos e instrumentais, criação de laboratórios, oferecimento de momentos de lazer, incentivo às práticas esportivas e chegando, por fim, ao contato com a arte em todas as suas diversas formas (SILVA, 2018, p. 47). A reelaboração da dinâmica interna da instituição, segundo o anuário do colégio, publicado em 1961, surtiu efeitos positivos na assiduidade e participação do corpo discente, segundo relata Silva (2018):

[...] o índice de frequência de alunos e professores às aulas; a presença satisfatória dos 50 meninos semi-internos às missas dominicais; a solidariedade nos momentos de lazer, jogos e esportes; os discursos dos estudantes nas atividades cívicas comuns aos sábados como: hasteamento da bandeira e execução do hino nacional; o empenho de alguns alunos nas atividades de coroinha e a formação de um grupo de apostolado, chamado Congregação Mariana; a participação dos pais nas reuniões escolares; a organização dos laboratórios de física, química e história

natural; assim como o reconhecimento por parte dos alunos e docentes do trabalho realizado pela comunidade jesuítica recém-chegada a Teresina. (SILVA, 2018, p. 49).

Tal cenário permite inferir os pilares sobre o qual se erige a futura atividade cineclubista: a vontade e o comprometimento de seus participantes. Ainda que a ideia de uma atividade de extensão voltada para o cinema fizesse sentido lógico dentro de um contexto de cristianização do mundo leigo, o CCT seguiu um rumo singular, respondendo muito mais à ânsia de seus participantes pelo fazer cinema do que, simplesmente, o cumprimento das orientações de pedagogia pela sétima arte congregadas nas encíclicas de 1936 e 1957. Tal situação é atestada pela própria trajetória do CCT: o gérmen das primeiras projeções fílmicas na escola remete ao ano de 1961, pouco tempo depois de a nova administração tomar a frente da escola, no interior das aulas de francês ministradas pela professora Maria Cecília da Costa Araújo (SILVA, 2018, p. 49).

De acordo com Silva, as análises e debates em torno das películas apresentadas pela professora suscitavam o interesse quase que holístico dos alunos, despertando a “curiosidade de aprender mais sobre esta arte” (SILVA, 2018, p. 50). Assim, o grêmio estudantil Dom Avelar, atendendo aos anseios de seus membros e, principalmente, dos demais componentes do alunato, sugeriu que o Colégio São Francisco de Sales oferecesse um curso sobre a prática cinematográfica que, uma vez aceito, se iniciou sob orientação do Pe. Moisés Fumagalli, vice-diretor da instituição e figura central do CCT em seus primeiros passos. O projeto, que recebera o nome de Curso de Orientação Cinematográfica (SILVA, 2018, p. 50), dividia seu conteúdo em quatro momentos, sendo, respectivamente, o primeiro intitulado Como se faz um filme, seguido por Gramática cinematográfica, História do cinema enquanto terceira parte e, por fim, Crítica de cinema, reunidos em uma apostila entregue a cada cursista (SILVA, 2018, p. 50).

Repleto de jovens e de interesses, o Curso de Introdução Cinematográfica resultou, em fins do ano de 1962, na criação Cine Clube Teresinense, um espaço voltado para a reprodução, discussão e produção de películas sob as atentas orientações do Pe. Moisés Fumagalli e, posteriormente, do diretor do São Francisco de Sales, Pe. Carlos Bresciani. Embora a data de fundação não seja um consenso – enquanto Silva (2018) afirma que o registro em cartório deu-se em 15/11/1962, as insígnias do cineclubes relatam que sua data magna ocorrera dois meses antes, em 15/09/1962 –, o CCT nasce como instituição jurídica de utilidade pública, em concordância com as leis municipais nº 903, de 19/02/1963, e a lei

estadual n.º 2416, de 06/04/1963 (SILVA, 2018, p. 52-53), conforme previsto em seu estatuto.

A partir de então, o Cine Clube Teresinense, na intenção de colocar em prática suas diretrizes, se consolidaria como um dos mais importantes meios de propagação e criação de cinema na capital do Piauí, congregando, em seus espaços de convivência, o compartilhamento do conhecimento da cinematografia e o florescimento de sociabilidades e subjetividades entre seus integrantes durante seus 28 anos de existência.

### **3. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELOS CINECLUBISTAS: UM PANORAMA GERAL (1962-1984)**

Acerca das dinâmicas de funcionamento do CCT, a pesquisa de Silva relata que os encontros aconteciam, preferencialmente, aos sábados, das 17:00 às 20:00, com eventuais mudanças para atender às “necessidades dos envolvidos” e os “diferentes níveis de formação de cada turma” (SILVA, 2018, p. 71), que, por sua vez, diferenciavam-se pelo público presente em cada uma delas, conforme apresentado pela pesquisadora:

Os cursistas veteranos se reuniam em uma sala diferente dos sócios iniciantes, pois os assuntos abordados para cada público era diversificado. Os primeiros faziam o curso teórico-prático de aperfeiçoamento, que incluíam a fotografia; já a estes últimos era ministrado um curso básico envolvendo técnica, gramática e crítica cinematográfica e história do cinema. Após cada curso, era realizada uma prova para testar os conhecimentos dos cursistas (SILVA, 2018, p. 71).

Munidos da formação oferecida pelo CCT, os alunos passavam, então, a trabalhar autonomamente com a “coisa” cinema, tecendo críticas e orientações sobre filmes que viriam a nortear exposições em toda a cidade de Teresina, além de, especialmente a partir da década de 1970, realizar suas próprias filmagens. A formação e o empenho dos sócios os permitiriam consolidar os ditames do Artigo 04 do Estatuto do Cine Clube Teresinense, que delimitava, enquanto função dos participantes:

A) Promover palestras, conferências e cursos sobre fotografia, técnica e filmagem, assuntos cinematográficos em geral; B) Estudo de filmes notáveis exibidos no mercado local para fins de orientação da opinião pública; C) Exposição e estudo de filmes notáveis, quanto à forma ou conteúdo, escolhidos entre os da cinematografia antiga e moderna; D) Debates e trocas de ideias entre os sócios, assim como outras pessoas interessadas, sobre filmes exibidos no cineclube ou fora dele e também sobre questões gerais da cinematografia, em forma de cine-fórum, filme-fórum etc.; E) Formação de uma biblioteca especializada nas diversas áreas de atividades do cineclube e de uma filmoteca. F) Colaborar em revistas, jornais, emissoras, especializadas ou não, com o fim de orientar o público (SILVA, 2018, p. 83).

O estatuto, portanto, condensa a visão que o Cine Clube tinha acerca das responsabilidades que o expectador deveria ter perante um filme. “Analisar filosoficamente” o cinema era muito mais do que discorrer sobre seu conteúdo; antes, simbolizava consolidar a cinematografia enquanto *afecto* <sup>4</sup>(DELEUZE; GUATTARI, 1992), em uma perspectiva deleuzeana, que se põe fora dos tempos e perpassa gerações, carregando pluralidades imanentes e um potencial de evocar sentidos e a própria essência do “belo”, característica divina das coisas humanas. Tal tentativa de pedagogizar um cinema artístico fugiu do espaço fechado das dependências do Diocesano e alcançara inúmeros outros sujeitos através da colaboração entre o CCT e diversos meios de comunicação como o rádio, a imprensa e as salas de cinema da cidade.

A consolidação da biblioteca prevista no artigo 4º: E, que contava com “um número razoável de livros, dicionários e também várias revistas como Cine e Cultura, Guia de Filmes” (ROCHA, 2011, p. 105), permitiu que os estudantes se munissem de fonte e bases teóricas, fator que possibilitara-os angariar outros espaços de compartilhamento fílmico, a exemplo do periódico *O Dia*, no *Jornal da Manhã* e na *Rádio Pioneira*, nos quais eram veiculadas críticas, sugestões e análises sobre o mundo do cinema. Acerca dos primeiros deles, constou-se uma seção de nome Comentando Cinema entre os anos de 1965 e 1966, na qual “eram publicadas críticas de filmes, divulgação das ações solidárias do grupo, informações sobre as mostras e cursos de cinema ofertados pelo CCT” (SILVA, 2018, p. 87), conteúdo semelhante ao impresso na seção do *Jornal da Manhã* (ROCHA, 2011, p. 105). Além disso, a coluna do *O Dia* concedia espaço para que os cineclubistas discorressem sobre outras temáticas sobre a seara do cinema, a exemplo da edição de 09/11/1965 que concede explicação sobre a função do diretor cinematográfico.

A coluna presente no *O Dia* dialogava com outro programa que funcionava sob orientação do Cine Clube, o *Tribuna Cinematográfica*, que tinha lugar na *Rádio Pioneira*. Durando mais tempo que o *Comentando Cinema*, a *Tribuna*, que era veiculada nas tardes dominicais, mantivera suas atividades até 1976, apresentando, ao longo de sua duração, a crítica dos filmes veiculados nas salas de cinema de Teresina, suas respectivas classificações, questões mais gerais sobre o cinema, além de colher perguntas que seriam respondidas na coluna do *O Dia*. O ambiente da rádio, segundo Silva (2018), atestara o

---

<sup>4</sup> Associa-se, aqui, a noção de durabilidade com os conceitos de *perfecto* e *afecto*, propostos pelo filósofo francês Gilles Deleuze e pelo psicanalista Félix Guattari para indicar “um conjunto de sensações e percepções que vai além daquele que a sente” (DELEUZE; GUATTARI, 1992).

profissionalismo dos cineclubistas em suas atividades extra colegiais: analisando o roteiro de alguns dos episódios radiofônicos, era possível perceber que havia uma construção prévia e um planejamento criterioso do que viria a ser compartilhado durante as transmissões, indicando a cooperação e o diálogo entre os responsáveis pela programação, atestando, por fim, o sucesso das intenções motoras do CCT de propagação do conhecimento fílmico.

Além dos mecanismos de comunicação em massa, os sócios do Cine Clube Teresinense também tornaram-se responsáveis por organizar uma das sessões do *Cine Royal*, sala de projeção estabelecida no centro de Teresina, conhecida como *Cinema de Arte*, na qual o cineclubistas, tendo se preparado previamente, “elabora[vam] a crítica cinematográfica e a ficha técnica para ser distribuída aos participantes durante a sessão, com especificidades como: estrutura narrativa, estrutura expressiva, avaliação moral, cotação, opinião do SIC [...]” (SILVA, 2018, 87). Tantos modelos de propagação do cinema eram o eco de um setor que buscava converter-se em objeto de expansão da fé e em pedagogia do homem – formar o ser era o papel do cinema. Em alusão aos conceitos de tática e estratégia de Michel de Certeau (1998), a expansão de uma criticidade cinematográfica proposta pelo CCT era a tática eclesial para fazer frente à muito bem orquestrada estratégia de decaimento das almas pelo “mundanismo”. Segundo o Pe. Carlos Bresciani, em declaração a uma revista local, a educação cinematográfica concebiam-se como:

[...] formação cultural do espectador a fim de tirá-lo de sua passividade na sala de cinema, e assim, torná-lo mais consciente, capaz de analisar um filme sob os mais diversos aspectos, julgá-lo e, enfim, aproveitá-lo positivamente; formação psicológica e moral específica para o cinema (BRESCIANI, 1978, p. 01. apud ROCHA, 2011, p. 101-102).

A busca pela formação de hábitos e a ânsia pelo surgimento de uma consciência, por sua vez, também levaram o CCT a criar redes de expansão de seus projetos para outras áreas de Teresina e, até mesmo, em outras cidades, além de formar linhas de diálogo com outros cineclubes nacionais e internacionais: conforme se apresenta em seu estatuto, o Cine Clube Teresinense estava vinculado a instituições como a Secretaria de Educação e Cultura do Piauí, Federação Norte-Nordeste de Cineclubes (FNCC), Conselho Nacional de Cineclubes e às entidades interamericana e internacional que formam a União Mundial dos Cineclubes (SILVA, 2018, p. 53), chegando, inclusive, a participar de muitas Jornadas Nacionais de Cineclube, como em Porto Alegre (1963), São Paulo (1974),

Paraíba (1977) e novamente no Rio Grande do Sul, já em 1978 (ROCHA, 2011, p. 104). Tal conjuntura permitia que o Cine Clube conseguisse apoio moral e material para a continuação de suas atividades, a exemplo da obtenção ou permuta de películas que eram, mesmo sendo a matéria-base da instituição, difíceis de obter.

Durante os decênios de 1970 e 1980, o espaço do Cine Clube vislumbrou o aparecimento de grupos em seu interior que viriam a tornar-se marcos fundamentais na história do cinema no Piauí. Nesse contexto, destacam-se os grupos *Mel de Abelha*, formado por estudantes do ensino superior, e a J.W. Produções que, liderado por José Wilson Alves de Oliveira, realizou alguns dos mais polêmicos filmes que o CCT teve contato, a exemplo de *Um estranho jeito de amar*, de 1983, que abordava a temática homossexual na figura de seu protagonista. A presença desses outros grupos favoreceu a continuação das atividades do CCT, bem como serviu de alavanca para novos capítulos do cinema piauiense. Cada qual a seu modo, estes novos sujeitos, herdeiros das potencialidades que o cineclubista permitia surgir, abraçaram o ideal artístico do cinema e os utilizaram como arma de expressão e invenção de mundos: seja abordando temáticas sociais como o *Mel de Abelha*, seja fazendo filmes com temáticas mais polêmicas como José Wilson, o Cine Clube Teresinense permitiu trazer para o plano tangencial uma atividade que há muito encantava os teresinenses, tornando o cinema, para além de uma interpretação da realidade, uma possibilidade de pôr-se e construir-se frente ao real e à arte.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, o Cine Clube Teresinense, ainda que resguardado enquanto instituição pelos muros do Colégio São Francisco de Sales, permitiu que o cinema alcançasse uma miríade de novos sujeitos, sejam de origem mais humilde ou de berços mais abastados. Se o Cine Clube fora tributário do mundo que o encerrava, sua trajetória e as produções que nele encontraram berço são um *afecto* por excelência, desprendendo-se de seus criadores e tornando-se atemporais. Sua evolução se apresenta enquanto atestado de um tempo de novidades, onde a juventude, em especial, ousou aliar o interesse e a técnica em busca de pôr no mundo o atestado de seu tempo, aquele que eles próprios criaram. Hoje, mais de 30 anos depois de seu encerramento, o Cine Clube Teresinense continua vivo nas memórias dos que acolhera, sendo peça fundamental na vida de quem sentiu, ao máximo possível, as experiências que o espaço do Colégio Diocesano permitiu florir.

## REFERÊNCIAS

ARAUJO, Lanna Karen Lima. **Práticas católicas e vivências femininas em Picos-PI (1944-1970)**. Teresina, 2020.

BRECIANI, Carlos. Depoimento publicado na revista **Presença**, órgão da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo do Piauí, Teresina, ano VII, nº 14, jan/jun 1985.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho (Org.); CERQUEIRA, Maria Dalva Fontenele (Org.). **História, catolicismo e educação**. Teresina: EDUFPI, 2019.

FIGUEIREDO, Haroldo Moraes de. **VIGILANTI CURA**: uma educação cinematográfica nos colégios católicos de Pernambuco na década de 1950. Recife: 2012.

LIMA, Frederico Osanan Amorim. **Curto-circuitos na sociedade disciplinar**: Super-8 e contestação juvenil em Teresina (1972-1985). Curso de Pós-Graduação em História, do Centro de Ciências Humanas e Letras, da Universidade Federal do Piauí. Teresina – PI: 2008.

MONTEIRO, Jaislan Honório. **Arte como experiência**: cinema, intertextualidade e produção de sentido. Teresina: EDUFPI, 2017.

MOSIL, Jari. Cine Clube Teresinense – 10 anos de atividade. In: **O Estado Interessante**. Teresina – PI. 21/05/1972.

ROCHA, Rosa Edite da Silveira. **Narrativas Audiovisuais no Piauí**: Cultura e Sociedade na Linguagem do Cinema. Universidade Metodista de São Paulo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. São Bernardo do Campo – SP: 2011.

SILVA, Arlene Maria Ribeiro. **Memórias de cinema e processos de formação**: a trajetória do Cine Clube Teresinense. Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade – PPGMLS. Vitória da Conquista – BA: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2018. 6.3.